O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 23 | Nº 68 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.16990473

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ELON MUSK, JAMES BOND E A GEOPOLÍTICA DAS BIG TECHS

Vinicius Modolo Teixeira[1]

Kárita de Fátima Araújo[2]

Resumo

Este ensaio analisa Elon Musk como a personificação do poder geopolítico das *Big Techs*, argumentando que sua atuação transcende a de um empresário e o assemelha a um "supervilão" ficcional. O trabalho desmonta o mito do "gênio *self-made man*", revelando como seu império (*Tesla*, *SpaceX*, X) foi construído com maciço apoio estatal. Examina-se sua ideologia de extrema-direita, sua atuação no governo Trump e seu duplo padrão ao defender uma "liberdade de expressão" que serve aos seus interesses. O cerne do ensaio estabelece um paralelo único entre seus projetos de dominação (controle orbital com a Starlink, colonização de Marte, aquisição de plataformas de informação) e os planos de dominação global de vilões clássicos de James Bond. A metodologia consistiu em um levantamento bibliográfico, em fontes jornalísticas de relevância e confiabilidade, além de obras que trouxessem as referências conceituais adequadas ao tema. Analiticamente, lançamos mão do materialismo histórico-dialético, por avaliar que a realidade deve ser entendida através das forças produtivas que a compõe e das contradições que movimentam a história. Conclui-se que Musk opera como um senhor tecnofeudal, cujo poder não regulado representa uma ameaça tangível à democracia e à soberania dos Estados-nação, materializando na realidade as distopias do capitalismo de vigilância.

Palavras-chave: Capitalismo de Vigilância; Dominação Global; Tecnofeudalismo.

Abstract

This essay analyzes Elon Musk as the embodiment of the geopolitical power of Big Tech, arguing that his actions transcend those of a mere businessman and liken him to a fictional "supervillain". The work deconstructs the myth of the "self-made genius," revealing how his empire (Tesla, SpaceX, X) was built with massive state support. It examines his far-right ideology, his role during the Trump administration, and his double standard in defending a "freedom of speech" that serves his own interests. The core of the essay establishes a unique parallel between his domination projects (orbital control with Starlink, the colonization of Mars, the acquisition of information platforms) and the global domination plans of classic James Bond villains. The methodology consisted of a literature review, drawing on relevant and reliable journalistic sources, as well as works providing the appropriate conceptual references for the topic. Analytically, we employ historical-dialectical materialism, based on the assessment that reality must be understood through the productive forces that constitute it and the contradictions that drive history. It is concluded that Musk operates as a techno-feudal lord, whose unregulated power represents a tangible threat to democracy and the sovereignty of nation-states, materializing the dystopias of surveillance capitalism in reality.

Keywords: Global Domination; Surveillance Capitalism; Technofeudalism.

[1]Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: falecomovinas@gmail.com

[2]Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: karitafaraujo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As *Big Techs* emergiram como as entidades mais poderosas e influentes do capitalismo do século XXI, transcendendo seu papel inicial de empresas de tecnologia para se tornarem atores geopolíticos com poder comparável ao de Estados-nação. Suas capacidades de inovação tecnológica, de moldar a comunicação, controlar fluxos de informação e acumular dados em escala planetária levanta questões críticas sobre privacidade, soberania e a própria estrutura do poder global, em um contexto atual descrito como "capitalismo de vigilância" ou "tecnofeudalismo". Neste cenário, figuras como Elon Musk personificam de maneira mais aguda e controversa a concentração de um poder sem precedentes nas mãos de indivíduos privados, cujas decisões e ambições impactam diretamente os rumos da economia, da política e da sociedade em escala global.

A partir desses pontos, esse ensaio propõe uma análise crítica da trajetória e do projeto de poder de Elon Musk, argumentando que seu perfil e ações o aproximam menos da imagem romantizada do "gênio empreendedor" e mais do arquétipo do supervilão da ficção, particularmente daqueles presentes na franquia de James Bond. A premissa central é que, ao controlar infraestruturas críticas como foguetes espaciais, carros elétricos, plataformas de mídia social e sistemas de inteligência artificial, Musk opera como um agente geopolítico não-estatal, cuja influência rivaliza com a de governos, com seus planos ecoando narrativas megalomaníacas de dominação mundial.

Perseguindo este objetivo, pautamos a análise a partir de um levantamento sistemático de fontes secundárias, tais como imprensa e jornalística em geral, além, por suposto, de publicações científicas que forneceram o embasamento conceitual necessário para a pesquisa. O procedimento metodológico consistiu na pesquisa bibliográfica, visto que, o levantamento de publicações em torno do tema estudado permite explorar sob outra ótica materiais já produzidos sobre o assunto. Além disso, as fontes advindas da imprensa escrita em geral, de ampla circulação e reconhecimento, tais como as jornalísticas aqui apresentadas, refletem a independência dos órgãos de comunicação e o compromisso com a veracidade das informações prestadas, configurando-se em material consistente para as reflexões realizadas.

O levantamento ocorreu, nesse sentido, em sites e publicações jornalísticas nacionais e internacionais de grande alcance midiático, com foco em eventos marcantes e polêmicas que marcaram a presença de Elon Musk no meio político e econômico internacional. Essa reunião de fontes jornalísticas permitiu sua caracterização enquanto agente atuante no meio em questão, revelando-o como figura recorrente nos mais restritos círculos de poder global, sobretudo, no governo estadunidense. Além disso, esses eventos permitiram traçar paralelos entre as ações de Elon Musk e os vilões da ficção cinematográfica.

Analiticamente, adotou-se a o materialismo histórico-dialético enquanto método interpretativo que permite a ampla compreensão dos fenômenos enquanto processos inacabados e em permanente movimento, portanto, impossíveis de serem verificados isoladamente, alheios ao contexto temporal, social e político no qual estão inseridos. Sendo assim, as condições materiais em que se inserem o personagem de nossa análise, os conflitos, contradições e tensões que o envolvem, são determinantes para a condução dos processos sociais, políticos e econômicos em questão, possibilitando compreender os eventos em sua totalidade, associados ao curso da história em si. A escolha por este método, portanto, assenta-se no entendimento de que a dialética histórica é uma valiosa ferramenta para analisar a sociedade, suas complexas relações, contradições e, sobretudo, transformações.

Para desenvolver essa argumentação, o trabalho está organizado em cinco seções principais. Na primeira seção, abordamos as questões teóricas que nos guiam e apontam para uma inédita condição do sistema capitalista, onde grandes empresas, chamadas de *Big Techs*, adquiriram poder econômico e tecnológico para influir de modo decisivo na sociedade, com seus donos, tornando-se símbolos dessa nova fase do sistema, que podemos caracterizar como capitalista de vigilância, ou tecnofeudal.

Na sequência, na segunda seção, desconstruímos a narrativa biográfica convencional de Musk, examinando a formação de seu império empresarial e a construção de sua persona pública como ícone do capitalismo neoliberal, revelando as bases materiais e estatais que sustentaram sua ascensão meteórica.

A terceira seção, abordamos a evolução ideológica do bilionário e sua atuação concreta no poder. Analisamos sua entrada no governo Trump, suas declarações e políticas controversas, seu duplo padrão em defesa da "liberdade de expressão" e seu alinhamento com movimentos de extrema-direita, demonstrando como seus interesses comerciais e sua agenda política se entrelaçam de forma perigosa.

Na quarta seção, de modo a encontrar pontos em comum entre a realidade e ficção, traçamos paralelos com os antagonistas clássicos da série 007, como Dr. No, Auric Goldfinger, Hugo Drax e Elliot Carver. Demonstramos como os empreendimentos e ambições de Musk, da colonização de Marte à satelização da órbita terrestre e ao controle da informação, espelham os planos de dominação global típicos desses vilões ficcionais, tornando-se, assim, uma representação real dessas distopias.

Por fim, as em nossas considerações finais, sintetizamos a argumentação, reafirmando que Musk é a encarnação contemporânea de um poder tecnofeudal e geopolítico inédito. O ensaio conclui alertando para os riscos que essa concentração de poder representa para a democracia e a soberania global, defendendo a urgência de novas formas de regulação e controle democrático sobre estes novos capitalistas digitais. Dessa forma, este trabalho busca não apenas analisar a figura de Musk, mas usar seu exemplo como lente para compreender as transformações mais profundas do poder na era das *Big Techs*.

BIG TECHS, CINEMA E A INFLUÊNCIA NA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

As *Big Techs*, grandes corporações de tecnologia, comunicação e inovação, tornaram-se um fenômeno capitalista do século XXI. Tais corporações desbancaram as tradicionais empresas financeiras, de energia e automobilísticas como as mais importantes e valiosas do sistema capitalista global. Com movimentações financeiras estimadas em trilhões de dólares, essas corporações não são mais apenas provedoras de serviços digitais ou criadoras de tecnologias inovadoras, mas também são detentoras de imenso poder econômico e infraestrutura. Elas transcenderam seus papéis iniciais como prestadoras de serviços, acumulando considerável influência econômica, social e política (ATAL, 2021). Essa transformação levanta preocupações significativas sobre o surgimento dessas gigantes da tecnologia como entidades quase soberanas, capazes de exercer influência sobre parte considerável da população mundial, não importando as fronteiras nacionais.

Algumas dessas empresas enfrentaram queixas e investigações judiciais por violações de privacidade e proteção de dados, concorrência desleal e consolidação de mercado (ATAL, 2021), além de receberem financiamento estatal e não contarem com regulação legal. Dessa maneira, não é exagero dizer que as *Big Techs* conquistaram poder e influência sem precedentes nos últimos anos, assemelhando-se a quase-Estados-nação em todo o mundo, tornando-se uma fonte crescente de preocupação pública. As capacidades adquiridas pelas *Big Techs* impactam significativamente nas dinâmicas políticas e sociais a nível global, à medida que moldam a comunicação, controlam o fluxo de informações e coletam quantidades sem precedentes de dados. Seu poder irrestrito pode remodelar profundamente a governança global e as liberdades individuais (BOLLERMAN, 2024).

Como aponta Gu (2023), as *Big Techs* contam com amplos recursos humanos e financeiros, por meio das quais essas grandes empresas desenvolveram um monopólio técnico e dominaram progressivamente o mercado de ciência e tecnologia, estabelecendo assim um impacto abrangente e poderoso. Esse poder sem paralelos permitiu que as *Big Techs* se infiltrassem no sistema governamental por meio do fornecimento de suporte técnico, serviços e outros produtos, influenciando o funcionamento do poder público (GU, 2003).

Ainda de acordo com Gu (2023), as *Big Techs*, que possuem vantagens inquestionáveis em capital, informação e tecnologia, têm voz e influência crescentes em questões de aquisição de recursos, comercialização de commodities, mobilização social e formulação de regras. A construção de um poder desproporcional como este, segundo aponta Soshana Zuboff (2021), inaugura um novo momento que, segundo ela, poderia ser chamado de “capitalismo de vigilância”, onde empresas de tecnologia coletam, analisam e comercializam dados pessoais sem que seus usuários estejam cientes disso.

Em *Tecnofeudalismo*, Yanis Varoufakis (2025) reconhece a influência que Zuboff (2021) tem sobre sua interpretação do momento presente. Para o autor, uma nova organização social e econômica emerge junto às grandes corporações tecnológicas, as quais assumem papel semelhante a dos senhores feudais na Idade Média, cobrando tributos dos cidadãos enquanto estes se tornam cada vez mais dependentes (VAROUFAKIS, 2025). Nesse sentido, Bollerman (2024) aponta que as grandes empresas de tecnologia criam as próprias regras, com diretrizes e termos de uso que moldam o comportamento dos usuários em suas plataformas, permitindo o acesso ou benefícios ao utilizar seus equipamentos. Além disso, elas mesmas definem o que é ou não aceitável, com poder regulatório superior so alcance de governos nacionais.

Tais corporações, apesar de serem empresas com capital aberto, em sua maioria, tem como controladores e face representativa indivíduos como Mark Zuckerber, Jeff Bezos e Elon Musk. Esse último, objeto de nossa atenção nesse ensaio, ganhou notoriedade pela diversificação de empreendimentos, excentricidade e por ter se tornado, durante um breve período, o homem mais rico do mundo. Além disso, dentre os CEO de Big Techs, Musk se destaca como a figura mais ativa e interessada em influir em questões mundiais, buscando atividade e presença midiática constante. Os interesses empresariais de Elon Musk são diversificados, mas, de maneira geral, se concentram em companhias que estão na vanguarda da inovação tecnológica e tem presença global.

A concentração de poder nas mãos de pessoas como Musk, tem implicações para a governança global, na medida em que o controle de dados e capitais fica sujeito aos seus interesses particulares e alianças políticas e ideológicas. Assim, não é demais apontar que pessoas como Elon Musk se tornam agentes políticos, ou geopolíticos, mesmo que destituídos do poder estatal e forças armadas.

No atual contexto mundial, podemos encontrar paralelos da atuação desses grandes empresários, seus interesses e, também, vilania, em obras do cinema. Varoufakis (2025), ao longo da construção de sua tese, escolhe algumas produções cinematográficas para exemplificar suas ideias, demonstrando a influência do cinema de ficção na construção do nosso presente e de como ele pode traduzir nossa atual realidade. Já Klaus Dodds, em suas obras, relaciona geopolítica e cinema, com os filmes funcionando como elementos importantes tanto para o discursso das grandes potências, como para elucidá-los. O autor argumenta que o cinema oferece um amplo, silencioso e obscuro espaço, como uma oportunidade de transmitir mensagens sobre o mundo (DODDS, 2006). Portanto, parece que hoje as instituições de poder e, consequentemente, os países e as potências mundiais colocaram o uso do cinema em sua agenda como meio para atingir seus objetivos.

Assim, o cinema se torna um instrumento geopolítico, já que os filmes podem estimular todos os tipos de sensações, percepções e demandas por ação política por meio da representação de lugares e

pessoas (DODDS, 2007). Ele tem a capacidade de justificar políticas de Estado na mente do público, utilizando o imaginário popular em consonância com os objetivos dos líderes políticos (DODDS, 2005). Além disso, tal como defendem Power e Crampton (2005), os filmes funcionam como um aparelho ideológico de Estado, uma vez que a natureza maniqueísta do discurso foi capturada por meio do cinema. Da mesma forma, o apoio popular às estratégias geopolíticas é gerado pela interpelação dos sujeitos do cinema. Jameson (2021) propõe que a ficção científica (incluindo o cinema) não "prevê" o futuro literalmente, mas funciona como uma prospecção das possibilidades históricas enterradas no presente. As narrativas futuristas revelam ansiedades, desejos e contradições do capitalismo tardio, especialmente a dificuldade de imaginar alternativas ao sistema vigente.

Concordando com tais afirmações, entendemos que o cinema se torna uma arma poderosa de difusão e convencimento de um discurso a respeito do que fazer e por quem fazer no âmbito das relações internacionais. Nessas condições, planos para garantir a preponderância ou hegemonia global são mote da ficção, mas que no atual contexto de competição entre as potências globais, e com o poder adquirido pelas *Big Techs*, tornam-se cada vez mais factíveis. Dentre as ficções possíveis, a franquia criada ao redor do agente 007 de Ian Flemming se constitui de especial interesse para esse ensaio.

A série de filmes de Bond é apenas um exemplo e o filme de super-heróis talvez seja apenas o extremo dessas fantasias e desejos geopolíticos. Tais filmes podem atuar como momentos de catarse política, visto que, em sua maioria, as intervenções geopolíticas no mundo "real" estão sujeitas a uma série de restrições e complexidades (CARTER; DODDS 2014). É a partir dessas “histórias fantásticas” que podemos pensar o atual momento do mundo, unindo geopolítica, *Big Techs* e a ânsia de dominação mundial por vilões que em muito se parecem com as atuais personalidades capitalistas mundiais. Nesse sentido, Elon Musk parece representar muito bem esse perfil.

O “GÊNIO” E ÍDOLO LIBERAL

Nas últimas décadas, o capitalismo estadunidense tem sido pródigo em promover figuras do mundo da alta tecnologia e dos negócios. Pessoas que, devido a sua genialidade e perspicácia, conseguem prosperar e alcançar grande sucesso profissional e fortuna, sendo alçadas a símbolos do desenvolvimento e vitalidade do sistema e da nação estadunidense. Parte dessas pessoas é oriunda do Vale do Silício ou de empresas que foram geradas a partir do desenvolvimento de alta tecnologia desse local (BOLLERMAN, 2024). Ainda que o processo que as tornou modelo de sucesso possa ser questionado e altamente vinculado ao financiamento e vínculos estatais, como aponta Mazzucato (2014) e Miller (2023), a exposição midiática as transformou em verdadeiros fenômenos do empreendedorismo tecnológico.

Na década de 1990, a figura de Bill Gates era bastante popular devido a difusão de computadores pessoais e do sistema operacional *Windows*, criado por sua empresa, a *Microsoft*. Já nos anos 2000, Stevie Jobs esteve à frente das inovações da *Apple* e de seus dispositivos de uso pessoal, anualmente anunciados por ele em grandes eventos de divulgação (BOLLERMAN, 2024). Mais recentemente, Elon Musk surgiu como sucessor dessa linhagem de "prodígios tecnológicos" que alcançam riqueza a partir de empresas de alta tecnologia, ou *Big Techs*.

Segundo aponta Varoufakis (2025), Elon Musk poderia ser descrito ao mesmo tempo como sendo brilhante e falho, uma pessoa que consegue combinar raros talentos de engenharia com a ostentação ridícula de suas habilidades em mostras públicas. Para Varoufakis, Musk é o Thomas Edison de nossa época, mas não pelo seu talento e genialidade, mas sim pela falta de escrúpulos para vencer seus concorrentes.

A história corrente a respeito de Elon Musk é orientada justamente para representar um desses grandes "*self-made man*", símbolos da meritocracia capitalista. Usualmente creditado como uma criança vinda de uma família de poucas posses, nascido em Pretória, na África do Sul, em 1971, foi criado pelo pai, com o qual posteriormente romperia relações. Além disso, a fama de garoto talentoso, fã de Isaac Asimov e com habilidades em programação de computadores viria a compor a biografia mais usual do bilionário. No entanto, a realidade sobre seu passado é um tanto mais complexa. O mais correto seria apontá-lo como filho de um acionista de minas de esmeraldas na Zâmbia, que fez fortuna no auge do regime do *Apartheid* da África do Sul, e de uma ex-modelo com visibilidade midiática, o que certamente não os tornava uma família humilde e descapitalizada (ISAACSON, 2023).

Ainda na adolescência, em 1992, Musk se mudaria para o Canadá após ser aprovado na Universidade de *Queen´s University*, transferindo-se após dois anos para a Universidade da Pensilvânia, nos EUA, onde obteria uma dupla graduação, em física e economia, em 1997. É a partir desse ponto que sua história passa a ser divulgada como a de um imigrante bem-sucedido, legítimo representante do "sonho americano".

Seu primeiro empreendimento de sucesso foi um sítio de internet que atuava como guia de atrações de cidades, a *Zip2*, vendido por 300 milhões de dólares em 1999 para a empresa *Compaq*, pouco antes do estouro da chamada "bolha das pontocom". Com os valores obtidos, nesse mesmo ano, fundou a X.com, empresa que viria a incorporar o sistema de pagamento e transferência de dinheiro por meio virtual, o *PayPal*, e, que, após se tornar referência para pagamentos *online*, seria vendida em 2002 para a empresa de comércio eletrônico *eBay* por 1,5 bilhões de dólares. Com esse capital, ainda em 2002, criou a *SpaceX*, que anos mais tarde se tornaria um fenômeno da exploração espacial.

Também com os recursos da venda de suas primeiras empresas, Musk investiu em outros empreendimentos que lhe renderam grande visibilidade. Um de seus alvos iniciais foi a então recém-lançada companhia de carros elétricos *Tesla*, tornando-se um de seus donos e face mais visível da empresa. Com uma estratégia agressiva, com a meta de construção de carros que aliassem design e eficiência, a *Tesla* tornou-se a primeira montadora de sucesso do tipo no mundo, alcançando um dos maiores valores entre as empresas automobilísticas, ultrapassando montadoras tradicionais do ramo.

O sucesso de Musk junto à *Tesla* possibilitou-o a realizar investimentos em outros campos fora do escopo de seus negócios até então, como a *SolarCity*, de energia solar; a *OpenAI*, com foco em inteligência artificial, a que soma-se a mais recente, *xAI*; a *The Boring Company*, que, apesar do nome, é uma empresa voltada para e escavação de túneis, com objetivo de criar vias subterrâneas de tráfego; e a *Neuralink*, que quer criar interfaces entre humanos e computadores a partir da instalação de microchips no cérebro. Entretanto, a empresa que ainda chama mais atenção para a figura do empresário é a *SpaceX*, que se tornou extremamente relevante para a exploração espacial, bem como, com a constelação de satélites *Starlink*.

Aproveitando-se do novo momento da exploração espacial privada, amplamente fomentada pelo governo dos EUA, a empresa tem buscado soluções para superar a dependência russa no envio de astronautas à Estação Espacial Internacional (ISS) depois da aposentadoria dos ônibus espaciais, além de desenvolver uma nova geração de lançadores espaciais reutilizáveis. Com isso, a *SpaceX* se consagrou como empresa privada pioneira em diversas etapas do empreendimento espacial. Foi a primeira a fazer o lançamento de uma nave até a órbita e depois recuperá-la; primeira a chegar até a ISS, primeira a recuperar e lançar novamente o primeiro estágio de um foguete e primeira a lançar um carro, da empresa *Tesla*, para a órbita do Sol (VICENTE, 2018).

O mais recente investimento do empresário foi a aquisição da rede social *Twitter*, que após longo processo de compra, foi adquirida por 44 bilhões de dólares, montante considerado acima do seu valor real, mas avaliado como um ativo estratégico para as pretensões de poder e influência almejadas por Musk.

Sobre a aquisição do *Twitter*, Varoufakis (2025) é bem incisivo a respeito de Elon Musk. Segundo o autor, a compra dessa rede social não representa somente mais um outro desejo de um "riquinho" por um "brinquedo" novo, mas sim, representa a lógica tecnofeudal para a aquisição de uma plataforma que lhe garantiria acesso a mercados e compradores em um outro nível, que nenhuma de suas companhias até então lhe permitia. Segundo Varoufakis, a compra do *Twitter* representa:

> [...] nada menos do que uma porta de entrada para o tecnofeudalismo, que lhe permitiria atrair a atenção dos usuários, modificar seus hábitos de consumo, extrair mão de obra gratuita deles como servos das nuvens e, por fim, mas não menos importante, cobrar de vendedores uma renda das nuvens para vender suas mercadorias (VAROUFAKIS, 2025, p. 129).

Em termos financeiros, Elon Musk viu sua fortuna crescer de 2,4 bilhões de dólares em 2012, para se tornar o homem mais rico do mundo em 2021 e, em 2025 atingindo um patrimônio de cerca de 421 bilhões de dólares, figurando na primeira posição dos mais ricos, segundo a Forbes (2025). Com tais feitos, Musk se tornou um dos maiores empresários do mundo, substituto dos "gênios da tecnologia" Bill Gates e Steve Jobs, refletindo o discurso triunfante e romantizado do sistema capitalista, que recompensa os seus mais bem-sucedidos, habilidosos e inovadores empreendedores com vultosas fortunas e fama.

Musk também se tornou famoso ao se envolver em temas que estão em evidência em nível internacional, como no caso do resgate dos meninos presos em uma caverna na Tailândia, propondo uma solução engenhosa, mas pouco prática para o resgate e que ao fim não se efetivou, porém, lhe garantiu destaque e críticas durante um momento de comoção mundial (BBC, 2018). Além disso, suas declarações políticas orientadas para a extrema direita, divulgação de criptomoedas, teorias econômicas ultraliberais, negacionismo em relação à pandemia e até mesmo os nomes atribuídos a alguns de seus filhos, o transformaram em uma figura inusitada e polêmica.

VILANIA, ESTADO E "LIBERDADE"

Com sua personalidade excêntrica, Musk partiu de uma figura ligada a ideias libertárias para associar-se nos últimos anos a tendências extremistas e grupos ligados a neonazistas. Há alguns anos, enquanto participava de uma entrevista a um programa fez o uso de maconha abertamente, reforçando sua imagem rebelde. Além disso, notícias recentes sobre o uso de outras drogas pelo empresário vieram à tona, abrindo uma crise entre seus investidores (FORASTIERI, 2024). Em contraste com essa pretensa exposição de defesa de liberdades individuais, Musk se tornou um crítico feroz do que a extrema direita chama de "Cultura *Woke*", que, segundo eles, tenta implementar políticas de gênero, raça e identidade, pauta que os extremistas são contrários. Além disso, no campo econômico, originalmente um defensor do livre mercado e liberalismo econômico, o bilionário mudou o tom nos últimos anos, defendendo ações protecionistas nos EUA para que sua empresa *Tesla* pudesse ser protegida da concorrência dos carros elétricos chineses.

Tendo aparecido na lista de bilionários da Forbes pela primeira vez em 2012, o atual homem mais rico do mundo viu sua fortuna saltar 737% entre março de 2020 e novembro de 2023, segundo o relatório da OXFAM (LIMA, 2024). A ascensão meteórica da fortuna de Musk contrasta com uma realidade de pobreza crescente, em que o 1% mais rico do planeta detém 50% dos ativos, o que, por si só, já seria um fator para alguns considerá-lo um vilão. Contudo, contrariando a lógica liberal, segundo revelado pelo *The Washington Post*, agora de propriedade do seu rival e bilionário, Jeff Bezos, as empresas de Elon

Musk receberam cerca de 38 bilhões de dólares em ajuda, financiamento e compras do governo dos EUA, sendo que dois terços desse valor entre 2021 e 2025 (BUTLER et al, 2025).

Como aponta Zhao (2025), desde a sua fundação em 2002, a SpaceX alcançou avanços na indústria espacial privada por meio de sua estreita cooperação com o governo dos EUA por meio de conntratos significativos com a NASA. Desde 2006, a SpaceX recebeu mais de US$ 8 bilhões em encomendas de projetos da agência espacial estadunidense (ZHAO, 2025). Tal condição reforça a posição de Mazzucato (2014), que aponta a estreita relação entre empresas de inovação tecnológica e o Estado.

Como demonstrado por Piketty (2014), a desigualdade do sistema capitalista se amplificou no último século, separando ainda mais o estrato superior da grande base de sustentação do sistema. A manutenção dessa desigualdade gera violência e conflitos diversos ao redor do globo. Mesmo que não seja originado em um plano, involuntariamente, a desigualdade talvez possa ser a vilania mais visível de Musk no mundo real.

Não obstante sua posição, fortuna e empreendimentos inovadores, o empresário foi levado ao cerne do governo dos EUA na administração de Donald Trump. Já no momento da posse, em janeiro de 2025, Musk causou indignação ao saudar as pessoas presentes no discurso pós-posse por duas vezes com o gesto nazista *Sieg Heil* (WRIGHT, 2025). Entretanto, isso foi apenas o início de sua chegada e período de permanência no governo dos EUA. O presidente Trump, recém-eleito para um novo mandato, criou um novo cargo para o bilionário, chamado de Departamento de Eficiência Governamental, ou DOGE. Tal Departamento, que na verdade é uma comissão consultiva com nomeação direta do presidente, sem que seja submetido à aprovação do senado dos EUA, foi criado para buscar meios de economizar recursos das atividades estatais, demitindo funcionários tido como ineficientes e programas de auxílio, nacionais e internacionais, como a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), responsável por oferecer ajuda a programas sociais e disseminar a influência do país ao redor do mundo, um dos símbolos do *soft power* dos EUA.

É importante ressaltar que a posição alcançada por Musk junto à administração Trump pode ser o posto mais avançado que ele atingirá junto ao governo, já que a possibilidade dele mesmo se tornar presidente está obstaculizada pelo fato de o bilionário não ter nascido nos Estados Unidos, um requisito constitucional do país. O envolvimento de Musk com o governo dos EUA gerou, também, uma série de questionamentos dos possíveis efeitos a respeito dessa relação. Ao posicionar o homem mais rico do mundo como parte do seu quadro político, Donald Trump acabou dividindo as atenções e as responsabilidades, sendo que algumas posições de Musk ultrapassam o cargo ao qual foi indicado e geraram conflitos de interesse com suas empresas e, internamente, com os funcionários públicos federais dos EUA, a que podemos associar como a gênese para o seu futuro afastamento, em maio de 2025.

Apesar de permanecer menos de 130 dias no governo, Musk ultrapassou os limites de seu cargo, buscando interferir diretamente na geopolítica dos EUA. Em 2025, em meio à crise desencadeada pelo Governo Trump em relação ao apoio do país à Ucrânia, o líder do DOGE declarou que apoiaria a retirada dos EUA da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (KILANDER, 2025). Soma-se a isso, as recentes críticas ao Complexo Industrial Militar estadunidense e seus principais projetos de defesa. Pouco após ser anunciado como integrante da nova administração, Musk lançou ataques contra as empresas produtoras do jato de combate F-35, mais novo avião das forças armadas dos EUA e de vários aliados da OTAN, considerado como o programa de defesa mais caro da história. Segundo Elon Musk:

> O design do F-35 foi quebrado no nível de requisitos, porque era necessário ser muitas coisas para muitas pessoas. Isso o tornou um pau para toda obra caro e complexo, mestre de nada. O sucesso nunca esteve no conjunto de resultados possíveis. E os jatos de caça tripulados são obsoletos na era dos drones de qualquer maneira. Só farão com que os pilotos morram...Alguns sistemas de armas dos EUA são bons, embora caros, mas, por favor, em nome de tudo o que é sagrado, vamos acabar com o pior custo-benefício militar da história, que é o programa F-35! (HAMBLING, 2024)

Além da já citada declaração favorável às políticas protecionistas em defesa dos carros elétricos da *Tesla*, sua participação no governo dos EUA também abriu espaço para retaliações contra agências reguladoras e órgãos que de alguma forma atrapalhavam seus negócios pessoais. As empresas de Musk enfrentam mais de 30 investigações por agências governamentais, as quais podem gerar prejuízos ou obstaculizar o lançamento de novos projetos (WENDLING, 2025). Nesse sentido, a agência responsável por investigar acidentes fatais envolvendo os carros produzidos pela *Tesla*, a *National Highway Traffic Safety Administration* (NHTSA), foi afetada por cortes e demissões, após Musk acusar a agência de impedir o avanço da tecnologia de carros autônomos (CONDON, 2025).

A chegada de Musk ao governo dos EUA deu também um novo impulso aos embates que o bilionário já travava com vários países em torno do que ele defende ser "liberdade de expressão", através do uso das redes sociais e contra políticas de regulação do ambiente virtual. Contudo, nos países em que seus interesses estão alinhados aos dos governos locais, o comportamento é amistoso e respeitável em relação às decisões judiciais, revelando um duplo padrão no seu comportamento. Como aponta León (2024):

> Enquanto na UE, no Brasil e na Austrália, Musk apela à retórica da "liberdade de expressão" irrestrita, na Índia e na Turquia, a plataforma X tem acatado decisões judiciais com suspensões de conteúdos e de perfis sem denunciar suposta "censura". Na Índia, a plataforma excluiu das redes um documentário da mídia inglesa BBC crítico ao primeiro-ministro do país asiático, Narendra Modi.

A proximidade de Musk com movimentos de extrema direita, somado aos poderes adquiridos com o controle da rede social X, lhe garante condições de influir diretamente na política interna dos países que lhe interessam ou oferecem vantagens. No Brasil, onde a legislação a respeito das liberdades de expressão tem limites quanto a defesa de crimes ou movimentos nazistas e racistas, a empresa de Musk tem evitado prestar contas, fechando sua filial no país e abrindo uma crise com o Supremo Tribunal Federal, ampliada com ascensão de Musk ao governo Trump e sua agressiva diplomacia (LEÓN, 2024).

Países da União Europeia, a Austrália e outros, tem procurado meios de impedir a divulgação de conteúdo ofensivo por meio da plataforma X, o que gera atritos com o empresário que publicamente declara suas diferenças com esses governos. No entanto, tal como na Índia, em que a plataforma bloqueou informações negativas a respeito de Narendra Modi, na Turquia e Arábia Saudita a empresa colabora de maneira muito próxima com seus governos. Inclusive, é de conhecimento público que o Reino Saudita, por intermédio do príncipe Alwaleed Bin Talal, é o segundo maior acionista da rede X, garantindo influência junto às suas decisões (AL JAZEERA, 2022).

O uso de mídias sociais como mecanismo de influência em governos ao redor do mundo foi bem explorado por Korybko (2018), que aponta essas plataformas como responsáveis pelo que podemos classificar como Guerra Híbrida. Ao permitir que determinados grupos exponham suas ideologias em detrimento de outros, ou mesmo espalhem notícias falsas, as redes sociais se transformaram em armas a favor de grupos poderosos, capazes de desbalancear pleitos eleitorais ou mesmo desestabilizar países e regimes. Com o domínio da Inteligência Artificial Generativa, capaz de produzir vídeos, imagens e áudios convincentes, somada ao potencial de dispersão das redes sociais, a capacidade influir nas escolhas das pessoas está cada vez maior e mais perigosa.

Devido a todas essas características, acreditamos que Elon Musk preencha os requisitos de uma pessoa capaz de influir nos rumos do planeta, conferindo a ele similitude a supervilões da ficção, mais especificamente com os representados pelas obras do escritor inglês Iam Flamming, criador do personagem James Bond. Em nossa visão, Elon Musk, ao ganhar fama e projeção internacional e assumir o controle de empresas com projetos tecnológicos inovadores, persegue, não só o lucro, mas também condições de ditar certos aspectos da economia e geopolítica mundial. Dessa maneira, desejamos traçar aqui alguns paralelos que aproximam Musk dos inimigos do agente britânico. Com empresas e produtos que podem ser consideradas verdadeiras "armas de dominação" nos negócios globais, aparentemente, para o empresário, "*The World Is Not Enough*".

ELON MUSK: UM VILÃO PARA JAMES BOND

Concordando com a capacidade que o cinema possui em influir na sociedade e representar projetos de poder, bem como, retratar visões do mundo específicas, mais uma vez ressaltamos as questões apontadas por Dodds (2005; 2006), Power e Crampton (2005), Carter e Dodds (2014) e seu uso por Varoufakis (2025) para exemplificar as condições globais mais atuais. Nesse sentido, escolhemos como representantes das obras cinematográficas a série de filmes do personagem James Bond e seus inimigos, com os quais observamos diversos paralelos com os projetos e interesses de Elon Musk e suas *Big Techs*.

Representado nos filmes por oito diferentes atores em 26 filmes, o personagem James Bond, ou 007, seu nome código no serviço de inteligência britânico, é certamente o agente secreto mais famoso do cinema e um dos ícones do período da Guerra Fria. As aventuras do espião de Vossa Majestade são baseadas na obra literária de Ian Flemming, ex-membro da inteligência britânica, utilizou sua experiência na Segunda Guerra Mundial para criar o personagem fictício e suas fantásticas missões para salvar o mundo da dominação por supervilões e suas organizações criminosas. Apesar de suas origens nos livros de Flemming, as adaptações para o cinema seguem caminhos distintos dos personagens originais, sendo que a maioria dos roteiros foi criada após a morte do autor nos anos 1960.

A escolha de filmes da franquia 007 para comparação se dá pela extensa lista de obras e por seus enredos amplamente conhecidos pelo público, bem como, a continuidade de suas histórias até os dias atuais. As obras da série estão sempre atualizadas com temas recentes, por exemplo, apontando para as novas tecnologias como possíveis estratégias de aquisição de poder. Seus vilões, em grande parte dos filmes, reúnem capacidades econômicas e tecnológicas, planos de âmbito mundial e, eventualmente, apoio de superpotências que de alguma maneira se beneficiariam de suas conquistas, tais como as atuais *Big Techs*. Além disso, os vilões de James Bond são figuras carismáticas que atraem seguidores leais e criam um culto em torno de sua personalidade. Eles frequentemente se apresentam como visionários ou salvadores, capazes de oferecer soluções radicais para os problemas do mundo. Dentre a longa lista de antagonistas de James Bond, uma seleção em especial nos interessa.

O primeiro filme, de 1962, contava com o vilão Dr. Julios No, que dá nome à película, Dr.No (1962). O objetivo de Dr. No é realizar uma vingança contra os EUA e a União Soviética por terem-no desprezado como cientista, deflagrando um conflito entre eles e a Terceira Guerra Mundial. De modo a efetivar seus planos, o cientista desenvolve um equipamento nuclear capaz de emitir um sinal de rádio, o qual interfere e sabota os lançamentos de foguetes da Nasa a partir do Cabo Canaveral, levando os EUA a acreditar ser uma interferência soviética.

A sabotagem, ou dissolução da NASA, é hoje um dos interesses de Musk (NOGUEIRA, 2025), que, durante sua passagem pelo governo de Donald Trump, declarou que a agência espacial deveria cancelar seus principais projetos para se concentrar na ida à Marte, logicamente, através de sua empresa, *SpaceX*, que mantém contratos de serviço junto ao governo dos EUA. Não obstante, outra situação que aponta para uma tentativa de controle do espaço pelo empresário é que, após o rompimento com Trump, Musk ameaçou descontinuar os programas da espaçonave *Dragon* e os foguetes *Falcon 9* que transportam astronautas e suprimentos para Estação Espacial Internacional, comprometendo o programa espacial da NASA (WENDLING, 2025).

Em *Goldfinger* (1964), terceiro filme da franquia, James Bond enfrenta Auric Goldfinger, um magnata das joias que deseja invadir o Fort Knox, onde ficam guardadas as reservas de ouro dos EUA. Seu objetivo não consiste em roubar as toneladas de ouro do tesouro estadunidense, mas sim, detonar um explosivo nuclear dotado de cobalto e iodo para contaminar os depósitos dos EUA, de modo a elevar o valor do metal precioso no mercado mundial e então se beneficiar. No início de 2025, logo após assumir a chefia do já citado anteriormente Departamento de Eficiência Governamental (DOGE), Elon Musk publicou em suas redes sociais questionamentos sobre o ouro estar realmente armazenado na instalação do exército, emitindo o desejo de pessoalmente inspecionar o cofre e realizar um vídeo ao vivo do local (SAUL, 2025). Dada a segurança de Fort Knox, o acesso é restrito mesmo a membros do governo, sendo que essa seria apenas a quarta vez que pessoas não autorizadas entrariam no cofre, desde sua criação nos anos 1930.

Durante os filmes, alguns antagonistas revelam ser membros da SPECTRE (***SP****ecial* ***E****xecutive for* ***C****ounter-intelligence,* ***T****errorism,* ***R****etaliation and* ***E****xtortion*), organização criminosa não alinhada a nenhuma potência mundial, mas que, em busca de vingança contra elas, utilizam-se de antigos membros de seus serviços secretos e cientistas renegados. O vilão que comanda a SPECTRE é Ernst Stavro Blofeld, o qual aparece em uma sequência de filmes dos anos 1960 e 1970 e que reaparece nos filmes recentes da série. Dentre seus planos contra a humanidade, os que são desbaratados nos filmes *You only lives twice* (1967) e *Diamonds are Forever* (1971), são especialmente interessantes a título de comparação. No primeiro filme, Blofeld, por meio de seus agentes, coloca as duas superpotências em eminente tensão, sequestrando espaçonaves estadunidenses e soviéticas enquanto essas estavam em órbita, utilizando-se de foguetes recuperáveis e que "pousam de ré". Já no segundo filme, o vilão contrabandeia uma grande quantidade de diamantes com os quais planeja construir um satélite dotado de potente laser. Com esse equipamento em mãos, a SPECTRE destruiria os depósitos de armas nucleares das grandes potências, passando a chantageá-las.

Musk parece ter se inspirado nos foguetes de *You only lives twice*, já que os foguetes utilizados pela SpaceX são os primeiros do tipo com capacidade de recuperação a serem utilizados operacionalmente, pousando em seus próprios apoios após cada utilização, tal qual os foguetes do filme. Já a utilização de lasers no espaço, como em *Diamonds are forever*, deverá ser o próximo passo da *StarLink*, empresa de Musk que busca fornecer acesso à internet globalmente por meio de uma rede de satélites. O uso de lasers em seus satélites deverá ampliar a transmissão de dados, oferecendo maior velocidade aos seus usuários (ROULETTE, 2024). Ainda que não sejam destrutivos, as similaridades continuam a ampliar-se nos demais filmes.

Anos depois, em *The spy who loves me* (1977), James Bond enfrenta Karl Stromberg, um bilionário, dono de uma empresa de navegação e obcecado pelos oceanos. Revelando seu desprezo pela humanidade, Stromberg sequestra dois submarinos, um soviético e um estadunidense, com os quais planeja iniciar um conflito nuclear e exterminar a raça humana da superfície do planeta. Seu objetivo final seria recriar uma sociedade sob as águas, em uma cidade submersa chamada por ele de Atlantis, capaz de abrigar centenas de pessoas.

Voltando a temática espacial e com ideias contra a humanidade semelhantes às de Stromberg, o vilão Hugo Drax lança seus planos para uma nova sociedade em *Moonraker* (1979). Para tal, o bilionário e proprietário das indústrias Drax, que dentre outras coisas fabrica ônibus espaciais para os governos ocidentais, planeja roubá-los e utilizá-los para levar um grupo de humanos selecionados a uma estação espacial em órbita da Terra. Em seguida, Drax planeja destruir a raça humana lançando armas químicas no planeta, para enfim, recolonizar a Terra com sua nova raça. Uma característica desse vilão contida na obra original, mas não reproduzida na adaptação cinematográfica, é que Drax, apesar de se apresentar como inglês, ele na verdade um ex-nazista, que assumiu uma identidade falsa. Com Musk se aproximando de grupos neonazistas e lançando foguetes, acreditamos que isso não seja apenas uma coincidência, mas sim, inspiração.

Ambos os vilões, Stromberg e Drax, parecem ter dado a ideia de uma nova sociedade para Musk, só que dessa vez, pensada para ser concretizada em Marte. A missão de alcançar e colonizar Marte está exposta na página principal da companhia *SpaceX* na internet. O objetivo declarado é ampliar a presença humana no universo, criando a vida interplanetária. As intenções estão declaradas na missão da companhia, ao pensar um futuro melhor, entre as estrelas: “Você quer acordar de manhã e pensar que o futuro será ótimo – e é disso que se trata ser uma civilização espacial” (SPACEX, s/d).

A tentativa de criar uma raça superior é substituída pelo desejo de estabelecer monopólios e dominação comercial em outros filmes. Em *A View to a kill* (1985), Bond enfrenta o excêntrico empresário fabricante de microchips, Max Zorin. Apontado como ex-agente da KGB, Zorin planeja explodir uma

grande bomba nos túneis de uma mina localizada próxima a falha de *San Andreas*, na Califórnia. Com a explosão, um grande terremoto seria desencadeado, abrindo e inundando a falha, que então destruiria toda a indústria de microchips do Vale do Silício, bem como as reservas desse elemento, essencial para a fabricação dos componentes eletrônicos. Com isso, as Indústrias Zorin se tornariam a única fabricante de microchips, algo que na atualidade poderíamos associar ao que acontece com as produtoras de máquinas de fotolitografia, a holandesa ASML, e produtoras de chips avançados, a taiwanesa TSMC (MILLER, 2023).

Apesar da possibilidade de causar terremotos e inundações ser fantasiosa do ponto de vista técnico, a construção de enormes túneis sob a Califórnia é um dos planos da empresa *The Boring Company*. Além disso, a meta de estabelecer monopólios parece estar alinhada com os planos de Musk. A empresa *SpaceX*, já lançou mais de cinco mil satélites da constelação *Starlink* e planeja um total de quase trinta mil posicionados na chamada órbita baixa da Terra (LEO, na sigla em inglês). Esse plano desafia os da empresa *Amazon*, de Jeff Bezos, o chamado Projeto Kuiper.

O dono da *Amazon* tem planos semelhantes para fornecer internet em nível global, colocando 3200 satélites em órbita baixa. Contudo, as dimensões do projeto de Musk parecem não ser apenas por questões técnicas, mas sim, para impedir que possam emergir concorrentes ao seu negócio, já que, ao superpovoar a camada da *LEO*, limitaria a janela de lançamento e as posições disponíveis para novos satélites. Além disso, o fornecimento de internet por meio de satélites da *Starlink* favorece grupos à margem da lei, como garimpeiros ilegais na Amazônia e exércitos em conflito, como no caso da Ucrânia, beneficiada pelas comunicações e inteligência ocidental no conflito com a Rússia.

A tentativa de criar monopólios também é tema de *Tomorrow Never Dies* (1997). Neste filme o inimigo de 007 é o ambicioso empresário do ramo de comunicações Elliot Carver. Em seu plano, Carver planeja colocar em lados opostos Inglaterra e China, afundando um navio britânico em águas internacionais e com um míssil roubado dos britânicos, matar a cúpula do governo chinês, culpando os rivais por tais atos. O intuito do empresário é, após a troca de mandatários na China, conseguir os direitos de transmissão no país pelos próximos cem anos. O controle midiático, tal como exposto no filme é uma das formas de exercer o poder e influência no mundo, criando rivalidades e conflitos com o controle da informação.

Desde os anos 1990, quando o filme foi criado, os formatos de mídias dominantes migraram dos jornais impressos e telejornais para canais de internet e rede sociais. Estabelecer domínio nesses ambientes altamente concorridos parece ser algo atualmente impossível, porém, controlar uma parte desse poder pode ser tão importante quanto. Dessa forma, isso explicaria a aquisição em 2022 da rede social *Twitter*, a preços acima do seu real valor de mercado. Isso não parece importar a Musk, já que através do controle

desse meio de comunicação, somada ao recente lançamento de sua inteligência artificial pela *xAI*, ele consegue exercer influência a nível global, na era do "capitalismo de vigilância" e "tecnoeudalismo", como Zuboff (2021) e Varoufakis (2025) elucidaram.

A importância do domínio sobre a informação e a tecnologia é ressaltada no filme *Skyfall* (2012), no qual o vilão, Raoul Silva, também membro da SPECTRE, revela suas capacidades de manipular as ações de uma multinacional ou de interferir nas eleições de um país através da tecnologia. Com o controle do X, as capacidades de Musk em realizar tais ações está muito próxima da realidade, sendo que o bilionário usou sua rede para declarar apoio a Donald Trump em 2024, quando o ex-presidente foi eleito novamente, além do apoio ao partido de extrema direita alemão Alternativa para Alemanha (AfD), anti-imigração e acusado de abrigar grupos neonazistas (MURRAY, 2025). De modo semelhante, através da plataforma, Musk exerce forte influência no mercado de ações, que, segundo Barber (2024), foi responsável pela queda no valor de ações de empresas de defesa, da valorização da "*meme coin*" *DOGECOIN*, da flutuação no valor das ações da empresa *Tesla*, bem como outras ações, de modo semelhante ao que o vilão Silva expõe a Bond no filme.

Por fim, uma dupla de vilões encerra nossa seleção de poderosos inimigos do espião inglês. Em *Quantum of Solace* (2008), James Bond é levado à Bolívia, onde se depara com Dominic Greene, dono da corporação *Greene Planet* e parte da SPECTRE, supostamente uma patrocinadora de planos de preservação ambiental, e com seu cumplice, General Medrano, membro do Exército Boliviano e aspirante a ditador do país sul-americano. No filme, Greene planeja levar Medrano ao poder e em troca, conseguir os direitos sobre uma vasta extensão do território boliviano que, aparentemente desértica, secretamente lhe daria o controle de reservas hídricas subterrâneas, com o qual obteria o monopólio de fornecimento de água no país.

Ainda que Musk não esteja envolvido em exploração ou privatização de reservas de água, a Bolívia é um país que interessa aos planos do bilionário, já que em seu território encontram-se uma das maiores reservas conhecidas de lítio do mundo. Tal elemento químico é essencial para a produção de baterias, responsáveis pela eletrificação de veículos e componentes de vários eletrônicos. Com a produção de carros elétricos da Tesla, os interesses de Musk sobre essas reservas são reforçadas. Em 2019, em meio a uma crise no país, devido à reeleição de Evo Morales e com o impedimento de que ele chegasse ao cargo, assume a presidência a senadora de oposição Jeanine Áñes, em uma manobra que posteriormente foi considerada como golpe político.

Neste episódio, em meio a alegações de envolvimento estrangeiro no golpe, Musk usou o então Twitter para emitir a seguinte declaração: "Vamos dar o golpe em quem quisermos. Lide com isso"

(SANTOS, 2024). Tal postura demonstrou não só do que Elon Musk seria capaz, como também a confiança em fazer tais declarações abertamente.

Não obstante, Elon Musk também é fã de James Bond. Recentemente, foi revelado que o empresário adquiriu um dos carros *Lotus Esprit* utilizado no filme "*The Spy Who Loves Me*", o qual possuí a capacidade de se transformar em um submarino (DREDGE, 2013). Além de reconhecidamente ter inspirado o design de sua *Tesla Cybertruck*, o veículo adquirido é justamente o utilizado nas filmagens submersas, tendo Musk declarado desejo em restaurá-lo para que se torne um veículo submersível operacional.

Curiosamente, o que reforça ainda mais os laços entre bilionários, as *Big techs* e o universo fictício de James Bond, é que o rival de Musk, Jeff Bezos, recentemente adquiriu os direitos criativos de todas as produções do espião inglês, junto à sua empresa *Amazon*, o que tornara essa empresa responsável pela divulgação e novos empreendimentos da marca criada por Ian Fleming (MONET, 2025). Assim, obter o controle produtivo e criativo da franquia, é mais um símbolo das tentativas de dominação e luta pela dominação, dentro e fora da ficção.

Mesmo que a maior parte dos vilões de 007 tenham planos excêntricos e, em alguns casos, impossíveis para a época, muitas das tecnologias e ações fantasiosas abordadas nos filmes atualmente são realidade e estão presentes em nosso cotidiano. Ao mesmo tempo, a emergência das *Big Techs*, chefiadas por empresários com fama global e aclamados como gênios que dominam tecnologias inovadoras e criam monopólios virtuais, possui semelhanças com aquelas dos roteiros cinematográficos. Assim, a possível existência de um vilão tal como explorado na franquia de filmes de James Bond, encontra em Elon Musk um forte candidato ao papel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou demonstrar que Elon Musk vai além da aparente figura do empreendedor bilionário, representando um novo modelo de poder que emerge na era das *Big Techs*: o do capitalista-tecnofeudal, o qual possui poder comparado e, em certos aspectos, superior ao de muitos Estados-nação. Através de um império empresarial construído em setores estratégicos, como de veículos elétricos, exploração espacial, inteligência artificial e controle de plataformas de comunicação, Musk consolidou um poder material e discursivo sem precedentes. Sua trajetória, longe do mito do *self-made man*, revela uma simbiose profunda com o aparato estatal dos EUA, que financia e garante a viabilidade de seus empreendimentos mais ousados, desnudando as contradições do capitalismo contemporâneo que prega a livre concorrência enquanto pratica o monopólio e o subsídio estatal.

A análise empreendida permitiu traçar paralelos evidentes entre os projetos de Musk e os planos de dominação global dos supervilões da franquia de James Bond. Seja no desejo de controlar o acesso à informação via satélite da Starlink, similar aos planos de Elliot Carver; na ambição de colonizar Marte, ecoando o projeto eugenista de Hugo Drax; ou na tentativa de sabotar concorrentes e agências reguladoras, reminiscente de Max Zorin, Musk opera em um espectro que confunde ficção e realidade. Sua atuação no governo Trump, ainda que efêmera, funcionou como uma ratificação prática desse poder, permitindo-lhe interferir diretamente na geopolítica internacional, atacar instituições e promover uma agenda ideológica ultraliberal e de extrema-direita, da qual ele próprio é o maior beneficiário.

A aquisição da plataforma X (ex-*Twitter*) consolida-o não apenas como um magnata dos negócios, mas como um capitalista de uma nova era digital. Conforme prenunciado por Yanis Varoufakis, a plataforma opera como a porta de entrada para o tecnofeudalismo, onde Musk pode extrair valor, ditar normas, manipular mercados e influenciar eleições, cobrando seu "tributo" na forma de dados, atenção e renda. Este poder desregulado, exercido com flagrante duplo padrão a depender de seus interesses comerciais em cada país, representa uma ameaça tangível à soberania nacional e à própria integridade do espaço público democrático, subordinando-o aos caprichos de um único indivíduo.

Portanto, longe de ser apenas uma figura excêntrica e isolada, Elon Musk emerge como a personificação mais completa e perigosa das tendências analisadas por teóricos como Zuboff (capitalismo de vigilância) e Varoufakis (tecnofeudalismo). Seus empreendimentos e sua persona pública demonstram que a vilania, outrora confinada ao universo ficcional de Bond, tornou-se uma força operante na geopolítica do século XXI. A luta pela dominação global já não se restringe ao conflito entre Estados, mas é travada também por atores corporativos transnacionais que controlam a infraestrutura crítica da vida moderna.

Por fim, este ensaio não esgota o assunto, mas abre um fértil campo de investigação. A ascensão de Musk sinaliza a urgência de se repensar as estruturas de governança global e de regulação do poder corporativo. O desafio que se coloca para a sociedade contemporânea é encontrar mecanismos capazes de frear a deriva autoritária e monopolista desses novos senhores feudais digitais, assegurando que o futuro seja moldado por valores democráticos e coletivos, e não pelos planos megalomaníacos de uma única figura, seja ela um vilão de cinema ou um bilionário do mundo real. O alerta soa: o mundo não é suficiente, mas não pode ser propriedade de um só homem.

REFERÊNCIAS

A VIEW TO A KILL. Direção: John Glen. Produção: Albert R. Broccoli.; Michael G. Wilson. Washington: Eon Production, 1985.

AL JAZEERA. “Saudis ‘second largest investors’ in Twitter after Musk takeover”. **Al Jazeera** [2022]. Disponível em: <www.aljazeera.com>. Acesso em: 02/03/2025

ATAL, M. R. “The Janus faces of Silicon Valley”. **Review of International Political Economy**, vol. 28, 2021.

BARBER, R. “How Elon Musk's memes, jokes, and passing thoughts influence the stock market”. **Usa Today** [2024. Disponível em: <www.usatoday.com>. Acesso em: 24/02/2025.

BBC. “Why was Elon Musk at the Thai cave rescue?”. **BBC** [2018]. Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso em 10/01/2025.

BOLLERMAN, M. **Digital Sovereigns**: Big Tech’s and Nation-State Influence (Master's Dissertation in International Relations). Norwich: Norwich University, 2024.

BUTLER, D. *et al*. “Elon Musk’s business empire is built on $38 billion in government funding”. **The Washington Post** [2025]. Disponível em: <www.washingtonpost.com>. Acesso em: 26/02/2025.

CONDON, B. “Musk’s team is laying off staff at the agency that investigated Tesla crashes”. **Independent** [2025]. Disponível em: <www.independent.co.uk>. Acesso em 24/02/2025.

DIAMONDS ARE FOREVER. Direção: Guy Hamilton. Produção: Harry Saltzman.; Albert R. Broccoli. Washington: Eon Production, 1971.

DODDS, K. “Popular geopolitics and audience dispositions: James Bond and the internet movie database (IMDb)”. **Transactions of the Institute of British Geographers**, vol. 31, n. 2, 2006.

DODDS, K. **Global geopolitics**: A critical introduction. London: Pearson Education, 2005.

DODDS, K.; CARTER, S. **International Politics and Film**: Space, Vision, Power. Nova York: Wallflower Press Book, 2014.

DR.NO. Direção: Terence Young. Produção: Harry Saltzman Albert R. Brócolis. Washington: Eon Production, 1962.

DREDGE, S. “Tesla founder Elon Musk buys James Bond's Lotus Esprit submarine car”. **The Guardian** [2013]. Disponível em: <www.theguardian.com>. Acesso em 10/01/2025.

FORASTIERI, A. “Elon Musk usa cocaína e LSD e preocupa investidores, diz jornal americano”. **Terra** [2025]. Disponível em: <www.terra.com.br>. Acesso em 15/02/2025.

FORBES. “As 10 Pessoas Mais Ricas do Mundo em Janeiro de 2025”. **Forbes** [2025]. Disponível em: <wwwforbes.com.br>. Acesso em: 20/01/2025.

GOLDFINGER. Direção: Guy Hamilton. Produção: Harry Saltzman, Albert R. Broccoli. Washington: Eon Production, 1964.

GU, H. “Data, Big Tech, and the New Concept of Sovereignty”. **Journal of Chinese Political Science**, vol. 29, 2023.

HAMBLING, D. “Elon Musk Calls F-35 Builders ‘Idiots’, Favors Drone Swarms”. **Forbes** [2024]. Disponível em: <www.forbes.com>. Acesso em: 22/02/2025.

ISAACSON, W. **Elon Musk**. Nova York: Simon and Schuster, 2023.

JAMESON, F. **Arqueologias do futuro**: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

KILANDER, G. "US senator joins Elon Musk in calling for withdrawal from NATO". **Independent** [2025]. Disponível em: <www.independent.co.uk>. Acesso em: 02/03/2025.

KORYBKO, A. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.

LEÓN, L. P. "Brasil, Austrália e Inglaterra: veja países onde Musk tem atritos". **Agência Brasil** [2025]. Disponível em: <www.agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em: 20/02/2025.

LIMA, E. "Riqueza de Elon Musk cresceu 737% desde o início da pandemia". **Le Monde Diplomatique Brasil** [2024]. Disponível em: <www.diplomatique.org.br>. Acesso em: 22/02/2025.

MAZZUCATO, M. **O Estado Empreendedor**: desmascarando o mito do setor público x setor privado. São Paulo: Editora Portfolio-Penguin, 2014.

MILLER, C. **A Guerra dos Chips**: A batalha pela tecnologia que move o mundo. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2023.

MONET. "As duas exigências feitas na venda dos direitos de James Bond para a Amazon de Jeff Bezos por R$ 5,7 bilhões". **Monet** [2025]. Disponível em: <www.revistamonet.globo.com>. Acesso em: 17/03/2025.

MOONRAKER. Diretor: Lewis Gilbert. Produção: Albert R. Broccoli. Washington: Eon Production, 1979.

MURRAY, C. "Elon Musk Boosts Germany's Far-Right AfD Party Again Ahead Of Sunday's Election". **Forbes** [2025]. Disponível em: <www.forbes.com>. Acesso em: 24/02/2025.

NOGUEIRA, S. "Trump e Musk tentam despedaçar Nasa para ir a Marte". **Folha de São Paulo** [2025]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 25/02/2025.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

POWER, M.; CRAMPTON, A. "Reel Geopolitics: Cinemato-graphing Political Space". **Geopolitics**, vol. 2, n. 10, 2005.

QUANTUM OF SOLACE. Direção. Marc Forster. Produção: Michael G. Wilson.; Barbara Broccoli. Washington: Eon Production, 2008.

ROULETTE, J. "SpaceX to sell satellite laser links that speed in-space communication to rivals". **Reuters** [2024]. Disponível em: <www.reuters.com>. Acesso em: 25/01/2025.

SANTOS, E. "As polêmicas com Elon Musk, o lítio e o imperialismo digital". **Jornal da USP** [2024]. Disponível em: <www.jornal.usp.br>. Acesso em 15/02/2025.

SAUL, D. "Trump Says He's Going To Check If 'Somebody Stole' Fort Knox $400 Billion Gold Supply. What We Know". **Forbes** [2025]. Disponível em: <www.forbes.com>. Acesso em: 24/02/2025.

SKYFALL. Direção: Sam Mendes. Produção: Michael G. Wilson, Barbara Broccoli. Washington: Eon Production, 2012.

SPACEX. "Space X Mission". **SpaceX** [2002]. Disponível em: <www.spacex.com>. Acesso em: 20/11/2024.

THE SPY WHO LOVES ME. Diretor: Lewis Gilbert. Produção: Albert R. Broccoli. Washington: Eon Production, 1977.

TOMORROW NEVER DIES. Direção: Roger Spottiswoode. Produção: Michael G. Wilson.; Barbara Broccoli. Washington: Eon Production, 1997.

VAROUFAKIS, Y. **Tecnofeudalismo**: o que matou o capitalismo. São Paulo: Editora Crítica, 2025.

VICENTE, J. P. "Quem é Elon Musk: a história do excêntrico bilionário da Tesla e SpaceX". **UOL** [2018]. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 15/12/2025.

WENDLING, M. "Como Trump e Musk ainda estão ligados — apesar da briga". **BBC News Brasil** [2025]. Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso em 08/06/2025.

WRIGHT, G. "As Reações Ao Controverso Gesto De Elon Musk, Criticado Por Semelhança À 'Saudação' Nazista". **BBC News Brasil** [2025]. Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso em 25/02/2025.

YOU ONLY LIVE TWICE. Direção: Lewis Gilbert. Produção: Harry Saltzman, Albert R. Broccoli. Washington: Eon Production, 1967.

ZHAO, Y. "Research on the Impact of Elon Musk's Business Empire on Global Macroeconomy". **Advances in Economics Management and Political Sciences**, vol. 176, n. 1, 2025.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 23 | Nº 68 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima